

# VALE E FERROVIA DO TUA, «UM POEMA GEOLOGICO»: NATUREZA E OBRA

MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE\*

**Resumo<sup>1</sup>:** O presente artigo evoca, com Miguel Torga, o Vale do Tua, objecto e contexto da abordagem transversal que se faz a tempos e lugares da sua centenária Linha e visa debater a inter-relação – diversidade ambiental/história local – como construção sociotécnica literariamente reconfigurada. Faz uma análise dialógica ao corpus literário (45 textos em vários géneros de 24 autores) de «Tua» *Colectânea Literária: vale, rio e linha férrea*/Otilia Lage, org.; Eduardo Beira (fotos), 1.ªed.2013, 2.ªed.2014 (Projecto FOZTUA, 2011-2016)<sup>2</sup>, através de representações e lógicas sociais representativas da matriz identitária, memória colectiva e património cultural da região, de finais de oitocentos à contemporaneidade. Conclui pelo relevo da literatura como fonte da história ambiental, ampliação da história clássica, e pertinência do «testemunho documental local», evidência de que todas as acções se ligam a redes locais sendo os efeitos globais sobre adições de medidas locais.

**Palavras-chave:** Literatura; Antologia Literária; História Ambiental; Linha Férrea do Tua.

**Abstract:** This article recalls with Miguel Torga, Tua Valley, object and context of the cross-cutting approach that makes the times and places of its century-old line and aims to discuss the interrelation – environmental diversity / local history as sociotechnical construction literarily reconfigured. It is a dialogical analysis to literary corpus (45 texts in various genres of 24 authors) of «Tua» *European Literature: valley, river and railway* / Otilia Lage; Eduardo Beira. 1.ª ed. 2013, 2.ª ed., 2014 (Project FOZTUA, 2011-2016), through representative social representations and logics of identity matrix, collective memory and cultural heritage of the region, the end of eight to contemporaneity. Concludes the literature of relief as a source of environmental history, expansion of classical history, and relevance of «local documentary testimony» evidence that all measures are connected to local networks and global on additions effects of local measures.

**Keywords:** Literature; Literary Anthology; Environmental History; Tua Railway Line.

## INTRODUÇÃO

*Cada ser constrói o seu mundo e o mundo colectivo se constrói por meio de uma trama complexa de interacções e interdependências<sup>3</sup>.*

Sob a prevenção da *autopoiesis* evocada em epígrafe faz-se uma abordagem interactiva a «TUA» *Colectânea Literária: Vale, Rio, Linha e Comboio* que é uma compilação metódica e sistematicamente organizada de textos literários em diversos géneros, da autoria de 24

---

\* Investigadora do CITCEM-FLUP, membro da direcção do CEPHIS (Moncorvo), investigadora do Projecto Internacional FOZTua e docente da Universidade Lusófona do Porto. otillialage@sapo.pt.

<sup>1</sup> O texto deste artigo é uma versão revista, adaptada e ampliada da nossa comunicação «Vale, Rio e Linha férrea do Tua: poema geológico em hipertexto» ao IV Encontro do CITCEM: Cruzar Fronteiras, Ligar as Margens da HISTÓRIA AMBIENTAL. FLUP, 5-7 Novembro 2015.

<sup>2</sup> Ver publicações do Projecto [www.foztua.com](http://www.foztua.com).

<sup>3</sup> O texto deste artigo é uma versão revista, adaptada e ampliada da nossa comunicação «Vale, Rio e Linha férrea do Tua: poema geológico em hipertexto» ao IV Encontro do CITCEM: Cruzar Fronteiras, Ligar as Margens da HISTÓRIA AMBIENTAL. FLUP, 5-7 Novembro 2015.

<sup>3</sup> MATURANA & VARELA, 1987.

escritores portugueses dos últimos cem anos, na sua maioria consagrados no cânone literário.

Na análise transdisciplinar que se ensaia sobre a trama complexa desta obra construída em «hipertexto», associando à linguagem ficcional imagens fotográficas embebidas na ambiência estética da territorialidade do Tua num «jogo de fertilização cruzada» sobre «a proeza tecnológica de conseguir domesticar a natureza»<sup>4</sup>, procura-se compaginar perspectivas diversas mas complementares da literatura em que se refracta a história social com novos desafios da história ambiental.

Desenvolve-se em três momentos principais: observação do panorama literário do Vale e Linha Férrea do Tua; análise das *representações, mundos ou lógicas sociais* que aí se identificam; contributo das fontes literárias para a historiografia sob a exigência interdisciplinar do binómio sociedade-natureza num vasto espectro epistemológico.

Sublinha-se a acção da história sobre a vida das populações ribeirinhas locais em suas múltiplas relações com o vale, o rio, o comboio do Tua, por recurso aos textos literários sob géneros diferentes (romance, poesia, conto, literatura popular, crónica jornalística, etc.), publicados desde finais do século XIX, início da construção do caminho de ferro de via estreita do Tua<sup>5</sup>, até ao seu recente encerramento.

O *corpus literário-documental* em observação (narrativas, descrições, personagens, acontecimentos e episódios de espaço-temporalidades diferentes, em prosa e poesia) proporciona, no seu conjunto, uma visão sensitiva da interacção histórica das comunidades e ecossistemas da região do Vale do Tua. As memórias e identidade regional, relações e contextos sociais e históricos operam através de *perceptos e afectos* experimentados no quotidiano ambiental e técnico dos homens numa interacção dinâmica entre sistemas naturais e sociais que se procura interpelar.

Indiciam-se na matéria literária e artística desta colectânea *representações sociais* da relação homem-natureza-técnica entendidas sob diversas *lógicas ou mundos sociais*, cujo estudo interpretativo se tenta empreender, num enquadramento teórico transdisciplinar da sócio-história<sup>6</sup>, «sociologia da acção»<sup>7</sup>, teoria das representações sociais ou colectivas<sup>8</sup> e Teoria da Literatura<sup>9</sup>.

Este campo teórico de análise interdisciplinar possibilita «pensar o ser humano na sua totalidade complexa englobante das dimensões física e sociocultural»<sup>10</sup> permitindo uma compreensão operativa da relação interactiva e complexa entre “natureza e cultura” em sua historicidade.

---

<sup>4</sup> DOMINGUES, 2014: 5-10.

<sup>5</sup> O 1.º troço da Linha entre Foz Tua e Mirandela foi inaugurado em 1887 e o 2.º troço até Bragança concluiu-se em 1905.

<sup>6</sup> BLOCH, 1993.

<sup>7</sup> THÉVENOT & BOLTANSKI, 1991.

<sup>8</sup> DURKHEIM, 1978.

<sup>9</sup> TODOROV, 1978.

<sup>10</sup> PÁDUA, 2010.

## 1. O VALE DO TUA, DESDE FINAIS DE OITOCENTOS, PELO OLHAR DA LITERATURA

*Ha em todas as litteraturas uns vultos graciosos, que ... inspiram uma indizível simpathia aos seus contemporaneos e ás gerações posteriores*<sup>11</sup>.

Assim acontece com a produção literária sobre o Vale e Linha do Tua, que foi possível inventariar num arco temporal centenário, desde a inauguração desta linha férrea que abriu a região transmontana ao então proclamado «progresso».

O *corpus literário* sobre esta territorialidade contemporânea é constituído por 45 textos literários de autoria colectiva como o Romancero Popular Transmontano e Duriense ou o Guia de Portugal, autores anónimos ou escritores consagrados como Miguel Torga, Alves Redol, Jorge de Sena e Mécia de Sena, Alfredo Guisado, A.M. Pires Cabral, António Cabral, Sant'Anna Dionísio e Manuel Monteiro. Os géneros literários, também muito diversificados, abrangem literatura popular, excertos de romances, contos, poemas, reportagens jornalísticas, narrativas de viagens, e versam uma variedade de conteúdos e temas: ambiente natural e tecnológico, sistema social, paisagem e património natural e histórico, que dão a ver, numa linguagem de múltiplos sentidos, a acção e percepção de homens e grupos em interrelação histórico-social.

A ambiência humana, ambiental, social e tecnológica do Vale do Tua insere-se em diversas espaço-temporalidades que oscilam entre a escala local e translocal, passado e presente. A história, estórias, vivências e memórias que se contam são ricas de experiências sensoriais, expressividade linguística, especificidade retórica, valor e qualidade estética e espessura diacrónica.

Os discursos literários de ficção e/ou testemunhais sobre estas comunidades rurais em que a chegada do caminho-de-ferro abriu um traço de ruptura nas concepções de tempo, velocidade, espaço e comunicação, expressam com realismo ou naturalismo a transformação de vivências humanas e ecossistemas do interior nordeste transmontano.

Aí se indiciam *representações, lógicas ou mundos sociais*, que permitem apreender interacções múltiplas entre ecologia, cultura e sociedade na *longa duração* e intuir, a nível micro, tradições, usos, valores e comportamentos cadenciados pela chegada e partida dos comboios, misto de sentimentos identitários da região.

## 2. PANORAMA LITERÁRIO DO VALE DO TUA: FICÇÕES, REPRESENTAÇÕES E «LÓGICAS SOCIAIS»

Espelho de imagens refractadas de um património natural e humano de singular raridade, esta literatura aqui analisada deixa em suspensão vivências reais e imaginativas do Vale, do Rio, da Linha e Comboio do Tua, numa densidade rememorativa de saberes, afectos, emoções e afinidades, donde emerge um complexo de *representações colectivas* que aqui se interpretam.

<sup>11</sup> CHAGAS, 1867.

**Figura 1** – Traçado da Linha do Tua<sup>12</sup>.



**Figura 2** – Área da barragem do Tua (Foz Tua, Carrizeda de Ansiães – vista aérea)<sup>13</sup>.



<sup>12</sup> Disponível em <<http://ml.ci.uc.pt/mhonarchive/histport/msg02106.html>> [Consulta em 22/4/2015].

<sup>13</sup> Fotografia disponibilizada pela actual maquinista do Metro de Miranda.

## 2.1. FICÇÕES LITERÁRIAS: ABORDAGEM INTERPRETATIVA

*...Chamo-te gosto agreste do canavial  
ao pé do comboio  
que lê o tempo...<sup>14</sup>*

A constelação das ficções literárias introduzidas pela epígrafe, dá a ver um objecto sócio-cultural e técnico, historicamente ancorado que remete, em múltiplas dimensões, à actualidade e à genealogia das povoações e populações do Vale do Tua, na longa diacronia.

Informa sobre estilos de vida e envolventes físicas, económicas e sócio-culturais do contexto regional que lhe confere substanciação, traduzida num meio ambiente diferenciado pela geologia, variações climáticas e topográficas, flora e fauna específicas com que entram em interacção as comunidades humanas aí estabelecidas e que tornaram paisagem e território distintos de qualquer outro, num longo processo histórico e social.

Uma grande parte destes textos literários configuram-se como fontes históricas relevantes para um conhecimento mais próximo e não linear desta microterritorialidade transmontana, ao situar colectividades e indivíduos, reflectir diversas perspectivas de vida, tempos, espaços e contingências das sociedades, documentar atitudes dos homens num meio ambiente e património natural únicos e relacionar tecnologia e ecossistemas específicos em lenta mas irreversível transformação. A sua acentuada dimensão documental expressa-se ainda não só nos impactos de acontecimentos históricos numa economia e paisagem híbrida – rural e tecnologicizada- mas também em referências concretas a uma diversidade de fenómenos e características próprias da geografia e história local: empreendimentos agro-industriais, movimento de pessoas, bens e mercadorias, mobilidades sociais e populacionais, trabalho e lazer quotidianos, acidentes naturais (cheias do rio Tua) e desastres ferroviários, pragas “naturais” e doenças humanas (pneumónica e gripe espanhola), remédios e mezinhas tradicionais.

É toda uma dimensão do vivido que, numa atribuição de afectos e valores às coisas e tramas humanas, se pode perceber nessa simbologia literária, tornando possível reconstituir historicamente um «passado nosso».

As espaço-temporalidades do Vale do Tua refractadas nesta coletânea literária são uma versão dessa micro territorialidade permeada por diversos atributos: variações climáticas, fisionomia impressionante das montanhas «braços abertos ao céu»<sup>15</sup>, vale alcantilado, margens abruptas e leito pedregoso do rio fértil em espécies piscícolas antigas e exóticas, fauna e flora adaptadas a condições locais, desde a última glaciação e, tudo isto, em interrelação com as vivências singulares das populações autóctones.

Como diz Pomian, permitindo-nos compaginar narratividade ficcional e documental, como aliás se evidencia ao longo do artigo, no recurso hipertextual ao jogo dialógico entre fotografia e fragmentos de texto literário numa espécie de relação fertilizante entre ambos:

<sup>14</sup> CABRAL, 1999: 124-127. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013: 187.

<sup>15</sup> SANT'ANNA DIONÍSIO, 1977. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013.

*Para dar plenamente ao passado essa qualidade que o faz um passado nosso, para o fazer sentir tanto quanto as palavras o conseguem fazer, é preciso também reconstruir, se tal se deixa fazer, a dimensão visível deste passado, alcançar uma descrição do que se apresentava então ao olhar, e é preciso além disso reconstruir a dimensão vivida, alcançar uma descrição dos estados afectivos suscitados, naqueles de que era o presente, pelo espectáculo no qual participavam quotidianamente de uma maneira ou de outra<sup>16</sup>.*

A encenação performativa de um passado vivido e tornado visível nos afectos induzidos que o historiador reclama encontra expressão quase literal no conto *O drama da linha do Tua: Sr. Manuel Moreno' o último ferroviário do distrito*<sup>17</sup>, o qual é, a vários títulos, um dos textos literários mais representativos da colectânea literária em estudo. Daí a sua escolha para uma análise mais detalhada e ilustrativa de alguns dos argumentos principais desenvolvidos neste artigo<sup>18</sup>.

Tal como a «Tua» colectânea literária, este conto requer descrição englobante e análise abrangente como obra literária e fonte documental na medida em que, como a transcrição dos seguintes excertos ilustra, permite intuir a intersecção de configurações literárias, tecnológicas e ambientais.

*– Ó rapazes, puxai essa vagoneta que está sobre aqueles carris para a alinharmos aqui com esta velha locomotiva [...]*

*– Quantas vezes te invejei, quando te via correr garbosamente os carris da nossa linha (...) Mas vejo que a nossa linha te ensinou a sentires e a pensares como as aglomerações transmontanas, cheias de lirismo bebido na tua paisagem agreste. (...)*

*Passava horas e horas a observar as ervas selvagens que espontaneamente nasciam nos terrenos da linha; observava também os legumes nas hortas cultivadas ou os cereais nos campos das searas; observava as formiguinhas, os insectos e as aves; observava também atentamente os trabalhadores transmontanos nas azáfamas do campo [...]*

*Durante a minha vida nos carris da Linha do Tua fui a grande socializadora das gentes vizinhas dos nossos carris [...].*

A trama do conto é assim uma composição discursiva da centenária Linha do Tua e uma narrativa dialógica da sua construção, funcionamento, manutenção técnica e encerramento recente. É urdida num diálogo entre «objetos humanos» (pessoal ferroviário da linha e do comboio, passageiros e público visitante) e «objetos não-humanos»<sup>19</sup> (locomotivas, carruagens, carris, travessas, rodas, parafusos, baldes de zinco, máquinas a carvão e a diesel, etc.).

<sup>16</sup> POMIAN, 1999: 65 (tradução nossa). Ver também LAGE & LAGE, 2005: 237-262.

<sup>17</sup> O autor, António Cravo, pseudónimo de Jaime António Gonçalves, natural da aldeia de Salselas de Macedo de Cavaleiros, onde fundou o Museu Rural, há largos anos residente em Paris, é jornalista, associativista, escritor e sociólogo. Para outros prémios literários, designadamente em França, obteve com este conto uma menção honrosa no concurso Jogos Florais do Centenário da Linha Férrea do Tua a Mirandela, em 1988.

<sup>18</sup> Conto inserido em LAGE & BEIRA, 2013: 162-170.

<sup>19</sup> LATOUR, 2004.

As personagens, actores sociais e objectos antropomorfizados da linha do Tua movem-se no trânsito entre o meio rural e a ambiência sócio-técnica da ferrovia e coabitam num velho armazém para onde foram atiradas ferramentas em desuso, máquinas antigas e material circulante desgastado, transmudados em objectos museológicos de um museu ferroviário ficcionado, animado pelo rame-rame funcional de um trem imaginário ora lento ora rápido ora parado, com a chegada súbita de visitantes.

O universo ideológico desta «short story», alegoria de uma viagem de comboio interrompida pelo desgoverno da locomotiva e pânico geral é uma denúncia social do encerramento da linha e do comboio do Tua atribuída à ganância dos «homens das contas», num pré-anúncio da recente polémica pública sobre a construção da barragem tida como causa última do fim desta via estreita.

A tessitura de memórias, *perceptos* e *afectos*<sup>20</sup> sobre que se entretetece a trama deste conto como de muitas outras ficções literárias da «Tua» *Colectânea* é seguidamente analisada na perspectiva das *representações sociais e colectivas* que se identificam na consciência quotidiana da história e da natureza, com base numa leitura interpretativa que interliga história social e história ambiental<sup>21</sup>.

## 2.2. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: IDENTIFICAÇÃO ANALÍTICA

Podemos considerar que um 1.º núcleo de representações sociais identificadas em «Tua» *colectânea literária* se organiza em torno do caminho-de-ferro que surge como imagem forte de «progresso, desenvolvimento e comunicação». Neste determinante núcleo de representações sociais do Vale, Linha e Comboio do Tua gravitam representações de sociabilidades, alterações climáticas e mudanças paisagísticas cuja dimensão espaço-temporal é constituinte da ficção mas também da história social e ambiental desta região. A representação nuclear da linha férrea e do comboio, a primeira grande máquina que revolveu sedimentos do atraso do nordeste transmontano transformando as suas ancestrais noções de espaço, tempo e velocidade, recentra as vozes que constituem esta produção literária e reorienta-nos na procura de outros significados históricos e ambientais.

<sup>20</sup> DELEUZE & GUATTARI, 1992.

<sup>21</sup> MARTINS, 2007.

**Figura 3** – Vale do Tua e linha férrea na margem esquerda do Rio<sup>22</sup>.



*Se fores ao Tua esquece-te dos pronomes possessivos<sup>23</sup>.*

[Vale do Tua, visto da subida para Porrais (concelho de Murça), desde a ponte rodoviária da Brunheda. Do lado direito da foto é visível a linha do Tua (na margem esquerda do rio), pouco depois da estação de Brunheda.]

O silvo do comboio do Tua que com o ruído metálico de suas carruagens nos carris perfura o silêncio do vale, na estreita via férrea que percorre em ecos, encostas graníticas, é símbolo da revolução industrial que chegava, tardia e incompleta, ao espaço interior transmontano como que acordado pela locomotiva a carvão e a vapor.

Os (des)compassos da máquina em movimento através de ignotas estações e minúsculos apeadeiros<sup>24</sup>, trânsito de produtos e mercadorias entre esquecidas terras do interior e grandes urbes do litoral, e a chegada de notícias de lugares distantes, concitam, pelas transformações induzidas, novas configurações no viver, pensar e sentir das populações desde o simples ritual de ver passar o comboio que revoluciona lenta mas decisivamente os seus quotidianos confinados, gerando novas memórias e percepções.

O comboio «arrasta arrasta» prossegue a sua marcha lenta através de aldeias e vilas outrora isoladas até à cidade capital do distrito de Bragança. E leva consigo, o «maldito comboio», os primeiros amores para a vida militar ou rumo à emigração, em antigas e novas andanças transmontanas (Cancioneiro Popular Trasmontano e Alto Duriense)<sup>25</sup>. Incrustadas no imaginário popular, *representações colectivas* dão conta da ausência dos naturais da terra na angústia da partida e na tristeza da perda. E a maldição e a imagem do diabo impendem na edificação de túneis e pontes furando montes em abismos naturais, como a antiga e lendária ponte de Abreiro (Lenda local)<sup>26</sup>. O diabolismo associado

<sup>22</sup> LAGE & BEIRA, 2013: 6.

<sup>23</sup> CABRAL, 1999.

<sup>24</sup> A Linha férrea do Tua é das linhas portuguesas de bitola estreita com maior número de estações e apeadeiros, indicador do povoamento denso da região.

<sup>25</sup> LAGE & BEIRA, 2013: 22.

<sup>26</sup> LAGE & BEIRA, 2013: 24.



à difícil construção da linha férrea, numa espessura de sentimentos contraditórios e crenças caldeadas em letargia surda, amplia-se com o esforço desmedido dos homens em luta com uma natureza agreste e os desafios da técnica. A linha férrea como «coisa horrosa» e «ganha-pão» dos muitos que manejam pá e picareta, traz na locomotiva a confusão maldita dos desastres que aumentam pánicos e superstições autóctones para alívio e socorro dos homens. A história da construção da linha, à força de explosivos, entre pedras e barrancos ficaria marcada pela alcunha Dinamite de estátua imaginária, em alusão a acesas lutas políticas de regeneradores e progressistas, assim representadas (crónica de imprensa regional)<sup>27</sup>.

**Figura 4** – Encosta do rio Tua próximo das Caldas de S. Lourenço (Carrazeda de Ansiães)<sup>28</sup>.



*Tua, 30 de Setembro de 1951 – O progresso muita pedra deixa ainda no seu caminho!*<sup>29</sup>.  
[Pedras soltas resultantes da abertura de trincheiras na linha do Tua, ainda claramente visíveis na encosta do rio, próximo das Caldas de S. Lourenço, C.A.].

Em carruagens estreitas de 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classe, evidência das diferenças sociais, passageiros nativos recebem o estranho entre cochichos e braços abertos, e viajantes curiosos de atractivas paisagens envolventes rendem-se a conversas dolentes, solidariedades súbitas e passageiras, incontidas aventuras juvenis, a dormência do frio extremo no inverno ou a dolência do calor tórrido de estio, o receio de descaminho dos bilhetes e o controlo mecânico do revisor. Os comboios mistos de mercadorias e passageiros, as saudações e despedidas, a partilha de petiscos e sabores regionais, como se todos fossem velhos conhecidos, espantam o olhar estrangeiro<sup>30</sup>.

<sup>27</sup> LAGE & BEIRA, 2013: 19.

<sup>28</sup> LAGE & BEIRA, 2013: 7.

<sup>29</sup> TORGA, 1953.

<sup>30</sup> LAGE & BEIRA, 2013: 96.

Um 2.º conjunto de representações literárias e sociais define uma vasta projecção humana e social contrastante com o carácter inóspito da região que a Linha atravessa.

De Foz Tua a Mirandela, a paisagem montanhosa e agreste de precipícios destaca ainda mais o acto público oitocentista da inauguração da chegada do comboio, pela família real portuguesa: ostentação e afluência, festa, música, fogo de artifício, aclamações e reclamações dos povos, comparência de fidalgos, notáveis e autoridades locais, discursos e cumprimentos, brindes aos melhoramentos materiais da província- ingredientes da crónica jornalística que relata o simbolismo oficial do novo traçado de comunicação que passaria a reduzir interioridades, organizando-se em rede num raio de acção curta de pouco mais de uma dezena de quilómetros<sup>31</sup>.

Segue-se, impressiva e precisa, a localização da «região do Tua» no extremo leste da privilegiada zona vinícola do Douro, ao tempo, entre Alijó e Foz Tua, com seu calor de brasido, e Carrazeda, ligada pelo caracolear do macadame, a sua geografia física, humana e social em que se destacam «ribas de proporções grandiosas», antigas quintas do Douro de grandes proprietários e reputados comerciantes ingleses do Vinho do Porto, as alcan-doradas povoações transmontananas, semelhantes a lugarejos luso-romanos, o enxame dos habitantes destas colmeias para a labuta do aro agrícola, onde se cultivava pão, vinha, olivedo e laranjais<sup>32</sup>.

**Figura 5** – Ramos de figueira e laranjeiras árvores de fruta da região<sup>33</sup>.



*...o oiro verde gracioso dos laranjais de nomeada retumbante...<sup>34</sup>.*

[Encostas da margem direita do rio Tua, abaixo de S. Mamede de Riba Tua – Alijó]

Num 3.º grupo de representações sociais, impõe-se a atracção da tecnologia moderna e da máquina de metal a carvão, escasso no período da Guerra, turfa e lenha, e vapor, por entre o remexer e olear de manípulos, válvulas, alavancas e carruagens de passageiros, o atrelar de 9 e 10 vagões de mercadorias, o trabalho em série do fogueiro,

<sup>31</sup> LAGE & BEIRA, 2013: 14-16.

<sup>32</sup> LAGE & BEIRA, 2013: 122.

<sup>33</sup> LAGE & BEIRA, 2013: 31.

<sup>34</sup> SANT'ANNA DIONÍSIO, 1977. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013.

maquinista, «mão no freio», factor, carregador e agulheiro, condutor e guarda-freios, pondo o trem em marcha por entre baforadas de fumo e rolos de vapor, rodas tractoras chiando nos carris, apitos esporádicos, cornetadas de agulheiro, fazendo em estações e apeadeiros (Caldas de S. Lourenço, Cachão, Mirandela, Romeu, Quadraçal, Cortiços...) «sempre especar as pessoas que lhe acenavam, saudavam com o chapéu, atiravam gritos. A máquina era o fascínio daquele comboio»<sup>35</sup>.

Um 4.º conjunto de representações atravessa períodos de crise, momentos e situações de conflito com relativo impacto local como a I República (1910-1926) e a I Guerra Mundial, actos de resistência, revolta e clandestinidade da propaganda política, lutas políticas entre republicanos e monárquicos, tumultos sociais (greves, assaltos ao comboio, roubos de mercadorias, mudanças constantes de governos, confrontos partidários, doenças e epidemias como a gripe espanhola ou a pneumónica e vagas de mortalidade. Dramas pessoais e colectivos empurram o povo migrante para trabalhos sazonais e mendicidade, chegando e partindo todos os dias dos «sítios mais incríveis para os menos verosímeis», de comboio, como clandestinos, as mesmas caras das feiras de Bragança, dos arraiais de Macedo ou dos ajuntamentos do Tua, nas vindimas e apanha da azeitona. «Volta e meia surgiam zaragatas tremendas, resolvidas a varapau e a tiro»<sup>36</sup>.

Na ditadura salazarista, o romanesco proprietário agrícola absentista, coleccionador de livros e borboletas, dono de quinta no Tua, onde vai nas vindimas, mas habitando em Lisboa, imponente palacete com mordomo, criados e chauffeur particular, serve, hospitaleiro e sem cerimónias, Vinho do Porto de sua lavra<sup>37</sup>.

Explode de novo, anos 1940, o dinamite, nas construções de engenharia e técnicas modernas na abertura da nova ponte rodoviária na Foz do Tua<sup>38</sup>.

Numa economia fortemente concorrencial de vinhos e aguardentes do norte e sul do país, irrompem tumultos populares com incêndios e assaltos aos armazéns do Tua, sem temores nem medo, característica dos valentes povos transmontanos, ciosos do que é seu, para sobreviver em meio agreste<sup>39</sup>.

As quintas do Douro, em mãos inglesas que se compram e vendem nas subidas e descidas do mercado de Vinho do Porto, enquadram o início do Vale e Linha do Tua, numa ambiência rural, paraíso de memórias, aventuras e folguedos nos balouços infantis<sup>40</sup>. Por entre a lenta luz subindo da água do rio, pontes, arcos, barqueiros, voos rasantes de aves, lendas de mouras e cavaleiros, o comboio segue o voo lento do milhafre nos penhascos, local de partida e de chegada<sup>41</sup>.

Inter-relações históricas e mutáveis entre realidade física e humana do Vale do Tua são detectáveis, em viagens de comboio, num 5.º e último conjunto de representações sociais.

<sup>35</sup> CARDOSO, 2007. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013: 49-66.

<sup>36</sup> CARDOSO, 2007. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013: 49-66.

<sup>37</sup> SENA, 1979. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013: 68-73.

<sup>38</sup> SANT'ANNA DIONÍSIO, 1977. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013: 122.

<sup>39</sup> ALVES REDOL, 1980. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013: 102.

<sup>40</sup> GUISTADO, 1920. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013: 104.

<sup>41</sup> CABRAL, 1999. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013: 114-115.

Em Macedo de Cavaleiros, são as lutas antigas entre regeneradores, monárquicos e republicanos, e mais tarde, os bandos de ciganos, medida absoluta da liberdade, anarquistas, príncipes do nada, milionários do desinteresse, sacerdotes da preguiça, comendo a podridão e vestindo de absurdo, marcianos na terra<sup>42</sup>.

**Figura 6** – Praia fluvial no rio Tua (aldeia e estação de Ribeirinha)<sup>43</sup>.



*Do Tua emergem graciosas ilhotas...*<sup>44</sup>.

[Rio Tua próximo da praia fluvial de Ribeirinha, antes de Vilarinho das Azenhas, V. F. A margem visível na foto é a margem direita do rio.]

Ao longo do Vale, as linhas metálicas correm paralelas ao rio Tua por entre escarpas e ravinas sem qualquer forma de vida visível, pedras que se olham com amor, parecendo que o homem «gosta da terra improdutiva, livre, rebelde, preguiçosa como um mendigo de chagas ao sol»<sup>45</sup>.

O Rio Tua desenha-se em prosa e poesia, águas mornas e pedras e a viagem de comboio estouvado, saltimbanco, com as gentes esperançosas dentro, em sobressaltos, rompe o miolo da noite, com ruídos na linha que tem uma galáxia por destino, para lá do negrume das falésias e do transbordo.

Continua a correr na margem do rio, o cíclico comboio duro e mecanizado rangendo nos ferros. A realidade física e humana transmuda-se nas ficções literárias retro-projectando *representações e lógicas sociais* que transmitem crenças e valores diversos. A poesia palpita e segue de comboio, por entre almas penadas, homens distraídos á janela, diluídos nas paisagens fugitivas, de braços abertos às montanhas<sup>46</sup>.

<sup>42</sup> TORGA, 1973. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013: 76.

<sup>43</sup> LAGE & BEIRA, 2013: 18.

<sup>44</sup> SANT'ANNA DIONÍSIO, 1977. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013.

<sup>45</sup> TORGA, 1983. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013: 76.

<sup>46</sup> PIRES CABRAL, 2007. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013: 179.

A viagem prossegue em longa, pormenorizada e erudita descrição de outra prazerosa e antiga jornada de comboio, de Foz Tua a Bragança pela Linha do Tua, comparada às vias helvéticas ou francesas das cercanias dos Alpes.

**Figura 7** – Povoação do Tua junto à estação de Foz Tua (linha do Douro/Linha do Tua)<sup>47</sup>.



*...avista-se ao fundo a foz do Tua com a povoação a cavaleiro...*<sup>48</sup>.

[A povoação original de Foz Tua ficava na confluência dos rio Tua e Douro. A estação ferroviária do Tua, gerou uma continuidade entre o povoado original, a estação e a foz do rio]

Regurgitando de sacos e passageiros, as janelas das carruagens aos solavancos, desvendam lameiros verdejantes, esporões e píncaros graníticos, ribeiros descendo das serras, o leito cascalhento do rio, o vale recortado, campos arados de cereais e pomares, alguns rebanhos, estradas e montadas, ermidas e monumentos, pequenas comunidades, píncaros graníticos, atalaias para perscrutar enigmas dos céus, em suma, toda uma paisagem histórica, onde se impõe a natureza construída em estranho convívio com a técnica. O comboio serpenteia na estreita via-férrea, obra homérica de engenheiros e galegos, paralela ao rio contorcido, no vale estrangulado, entre rochas vivas, águas primitivas, cataclismos, mítico diabo e mitológico enigma<sup>49</sup>.

A canção do festival da RTP populariza o Comboio do Tua e gentes de Trás-os-Montes que se cruzam em velhos e novos rumos: soldados, estudantes, namorados, crianças, emigrantes, lenços agitados em partidas e reencontros<sup>50</sup>.

Entre vagonetas, travessas, locomotiva e armazéns arruinados, agora objecto de reanimação nas mãos activas de vários: chefe da estação, capataz, assentadores e cozi-

<sup>47</sup> LAGE & BEIRA, 2013: 37.

<sup>48</sup> CABRAL, 1999.

<sup>49</sup> SANT'ANNA DIONÍSIO, 1977. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013: 127.

<sup>50</sup> CONTUMÉLIAS, 1979. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013: 159.

nheira, desenvolve-se a narrativa ficcional do drama da Linha do Tua e seu último ferroviário. Segue nostálgico o comboio «pouca-terra» de outrora; na linha desactivada, a mudança dos tempos, da alma transmontana avessa a contas de políticos e a hospitalidade das gentes que ocorrem a chegadas e partidas<sup>51</sup>.

Evocam-se sonhos infantis da viagem de comboio, belo monstro de ferro, por mil mundos, rés ao rio que separa e aproxima vidas entre as duas margens e ao engrossar em cheias, engole adultos e crianças. Velhos solitários, desvalidos entre a morte e a vida, esperam o comboio nas estações desertas e fazem sua casa nos abandonados apeadeiros, enquanto abnegadas figuras femininas se destacam, professoras trota-mundos, ambas se impondo como autoridades sábias ao respeito e influência nas comunidades.

Memória de um povo debruçada sobre as fragas, a história centenária da Linha do Tua, antropomorfizada, passa a ser a personagem central, a par do comboio, cavalo de ferro galopante, regida a vida pendular das gentes ao minuto, e a epopeia bíblica da construção da Linha, por entre o ribombar constante do rio, por engenheiros eficazes e trabalhadores sem medo da morte, sob iniciativa de elites transmontanas e sua ideia de progresso da região e olhares afluentes do povo sorrindo surpreso a novas prosperidades.

Desprende-se das ficções literárias a evocação plurifacetada do Vale e Linha do Tua, como ambiente natural de contrastes e fragrâncias e movimento de passageiros absortos na beleza da paisagem em percepção diacrónica: desde a longínqua inauguração da linha, com honras de realeza, até ao encerramento inesperado do comboio na «noite do roubo» das máquinas em Bragança, em nome de outra ideia de progresso.

Pode perceber-se a inter-influência do ambiente natural do Vale do Tua e organização social organizadora de costumes, práticas, e condutas rurais e urbanas, mudanças e readaptações interiorizadas, durante um longo período, normas de funcionamento da vida natural, económica e sócio-cultural que interagem numa realidade comum que reelabora repertórios de valores do território e paisagem do futuro Parque Natural do Tua.

### 2.3. LÓGICAS OU MUNDOS SOCIAIS: CATEGORIZAÇÃO

Reanalisa-se as representações sociais atrás identificadas à luz de uma categorização sociológica mais abrangente, a partir do conceito *lógicas ou mundos sociais* desenvolvido pela «sociologia de acção», o qual permite perspectivar a realidade, agenciando recursos e denunciando/justificando acções dos actores que operam com valores apreendidos pela prova dos objectos<sup>52</sup>.

São diversas as *lógicas ou mundos sociais* que aí se podem definir: a «lógica doméstica», mais de cunho social e familiar que releva da confiança; a «lógica industrial», de feição económica e tecnológica baseada na racionalidade e eficácia; a «lógica do mercado», que se relaciona com a oportunidade; a «lógica da inspiração», de cariz individual,

<sup>51</sup> CRAVO, 1988. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013: 162-175.

<sup>52</sup> BOLTANSKI & THÉVENOT, 1991; THÉVENOT, 1983: 188-222.

assente na imaginação e inovação; e a «lógica cívica», inspirada na ética social (ver quadro).

Esta proposição sociológica de coordenação teórica de enfoque micro analítico sobre as interacções que privilegia os recursos mobilizados pelas pessoas, permite defrontar questões analíticas de «escala micro e macro» e de integração «acção e estrutura» e possibilita também, aproximar o estudo deste caso de outros casos idênticos, favorecendo-se assim análises comparativas.

Proporciona ainda uma outra leitura mais compreensiva da complexa realidade empírica estudada marcada por um regime de pluriactividade em que a presença da pequena agricultura coexiste com espaços tecnologizados pela linha férrea, circulação centenária do comboio, e a recente barragem do Tua.

**Quadro** – *Mundos ou lógicas sociais.*

<b>Lógica doméstica</b> <i>V. (Confiança)</i>	<b>Lógica industrial</b> <i>(Racionalidade)</i>	<b>Lógica de mercado</b> <i>(Oportunidade)</i>	<b>Lógica de inspiração</b> <i>(Imaginação)</i>	<b>Lógica cívica</b> <i>(ética)</i>
<i>As quintas e o proprietário agrícola absentista</i>	<i>O comboio como cavalo de ferro e monstro de ferro</i>	<i>O comboio e a linha férrea, meio e via de ligação, comunicação</i>	<i>Ficções literárias em prosa e verso</i>	<i>Denúncia do encerramento da Linha/acidentes</i>
<i>Ambiente natural Agricultura no Vale do Tua, labuta rural</i>	<i>a construção da linha do Tua «o progresso muita pedra deixa no caminho»</i>	<i>Transporte de pessoas e de mercadorias</i>	<i>Escrita poética Tramas romanescas</i>	<i>Defesa de um mundo de valores e de património natural e histórico</i>
<i>As relações entre os ferroviários e as populações locais</i>	<i>Os trabalhadores ferroviários</i>	<i>Debates e polémicas em torno da abertura da linha</i>	<i>Perceptos e afectos</i>	<i>Apeadeiros abandonados e estações fechadas</i>
<i>Práticas, usos e costumes rurais locais</i>	<i>o silvo do comboio e o barulho dos carris</i>	<i>Mobilidades e emigração</i>	<i>argumentos retóricos tramas literárias enredos estéticos</i>	<i>Polémicas em torno da construção da barragem</i>
<i>Barcas de passagem do rio</i>	<i>máquina a vapor, locomotivas, manipulós, alavancas</i>	<i>Escoamento de produtos agrícolas e mercadorias</i>	<i>percepções eruditas e mitológicas</i>	<i>Guerras, tumultos, revoltas sociais zaragatas</i>
<i>Hospitalidade das populações locais e confraternização</i>	<i>Ideia de progresso e desenvolvimento regional</i>	<i>Comerciantes ingleses do Vinho do Porto.</i>	<i>Percepção diacrónica do tempo</i>	<i>Inauguração oficial da linha, o poder local e os poderes locais</i>
<i>Crenças e superstições (o diabo...)</i>	<i>força explosiva do dinamite</i>	<i>concorrência de vinhos e aguardentes do sul do país</i>	<i>braços abertos às montanhas. Fragrâncias estranhas</i>	<i>Direito à vida das populações no vale do Tua</i>

### 3. APROXIMAÇÃO À LITERATURA DO VALE DO TUA E HISTÓRIA AMBIENTAL

*(...) um universo virginal, como se tivesse acabado de nascer, e já eterno pela harmonia, pela serenidade, pelo silêncio que nem o rio se atreve a quebrar, ora a sumir-se furtivo por detrás dos montes, ora pasmado lá no fundo a reflectir o seu próprio assombro. Um poema geológico<sup>53</sup>.*

Decorre assim da literatura a busca de uma referência universalizante à realidade específica do Vale do Tua – poema geológico – e pode aplicar-se ao modo como a história tem lido a produção literária. A «cor local» e a «permanência da natureza» enfatizadas na visão de Miguel Torga, um dos autores mais consagrados desta colectânea literária são aqui uma característica comum e ponte para o diálogo entre o escritor e o historiador ambiental, os quais revelam formas de saber diferentes da mesma realidade. A ficção é regulada pelo documento, pela referência extra-narrativa para alcançar a verdade. A mediação entre o que pode ser ficcionalizado e a constituição da própria história passa pela figura da imaginação que possibilita a representação quer da história, quer da literatura, para ler as fontes de que dispõe, reconstituir o passado e pôr diante do leitor, o ausente<sup>54</sup>.

A história ambiental que se vem desenvolvendo num quadro epistemológico renovado, integra contributos de outras disciplinas e procura repensar «as interações entre os sistemas sociais e os sistemas naturais, e as consequências dessas interações para ambas as partes, ao longo do tempo»<sup>55</sup> e utiliza vários tipos de fontes pertinentes onde se possam encontrar informações sobre «conceitos, usos e valores atribuídos e a disponibilidade de recursos naturais»<sup>56</sup>.

A Literatura é aqui considerada enquanto “testemunho histórico” que constrói ou representa a sua relação com a realidade social, fonte importante para a história ambiental pois permite pensar e reflectir sobre as relações entre o homem e natureza em determinados contextos históricos. Os textos literários sobre o Vale e Linha do Tua possibilitam perceber relações entre o homem, a natureza e a técnica, que se encontram presentes nos quotidianos e circunstâncias históricas das populações ribeirinhas.

Partir do testemunho local responde ao entendimento actual de que todas as medidas são e permanecem ligadas a redes locais e de que os efeitos globais são adições – sobreadições, em regra, de medidas locais<sup>57</sup>.

---

<sup>53</sup> TORGA, 1986. *Apud* LAGE & BEIRA, 2013: 2.

<sup>54</sup> SILVEIRA, 2009.

<sup>55</sup> CASTRO, 2007.

<sup>56</sup> DRUMMOND, 1991.

<sup>57</sup> RHEINBERGER, 2013.



**Figura 8** – Neveiro sobre as montanhas do Douro em Foz Tua<sup>58</sup>.

... os cimos ondulados das serranias d'além Douro...<sup>59</sup>.

[Margem esquerda do rio Douro, em frente a Foz Tua. Vista da estrada de Alijó para o Tua, em tarde de neveiros persistentes.]

### 3.1. A LITERATURA FONTE PRIVILEGIADA DA HISTÓRIA AMBIENTAL

Investigação interdisciplinar das interações entre sistemas sociais e sistemas naturais em sua historicidade, a história ambiental constrói uma compreensão menos dualista da natureza e cultura na experiência histórica e tenta ultrapassar a ausência da dimensão biofísica que tem caracterizado grande parte da historiografia contemporânea. Nessa medida reconhece uma pluralidade de dimensões naturais e culturais que de, alguma forma, se resolvem e encontram seu sentido na prática colectiva dos seres humanos.

Este novo campo de investigação, passa necessariamente por estudos no cruzamento de fronteiras entre várias disciplinas e implica uma ampliação da história da experiência concreta da vida em sociedade. A leitura histórica dos factores ecológicos é um primeiro nível. O estudo da estruturação socioeconómica das sociedades, em sua inter-relação com determinados espaços geográficos, constitui um segundo nível. Num terceiro nível encontra-se a análise das dimensões cognitivas, mentais e culturais da existência humana, incluindo cosmologias, ideologias e valores. Assim, «muitas e outras estruturas de significação se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza»<sup>60</sup>.

Nesse sentido a literatura pode ser compreendida como fonte privilegiada da história ambiental na medida em que apresenta as interacções da relação homem/natureza destacando paisagens e inter-relações numa narrativa que ajuda na procura de sentidos para a reflexão e escrita historiográfica<sup>61</sup>.

<sup>58</sup> LAGE & BEIRA, 2013: 35.

<sup>59</sup> MONTEIRO, 1909: 29-32.

<sup>60</sup> WORSTER, 1991: 198-215.

<sup>61</sup> SILVA *et al.*, 2013.

### 3.2. «TUA» COLECTÂNEA LITERÁRIA – POTENCIALIDADES DE AMPLIAÇÃO DA ANÁLISE HISTÓRICA

O conjunto de textos e imagens desta colectânea permitem compreender por dentro ambientes naturais e tecnológicos concretos como os desta sub-região do Vale do Tua. Nesse sentido, podem ser também analisados à luz da recente “história ambiental”, cujo objectivo principal é o «entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afectados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afectaram esse ambiente e com que resultados»<sup>62</sup>.

Assim a «Tua» *Colectânea literária* interessa à pesquisa histórica, não já na medida da apreciação retórica e estética dos críticos literários, mas sobretudo enquanto via de acesso ao entendimento dos contextos sócio- culturais e ambientais, ao possibilitar, como se demonstrou, a exploração das relações entre sistemas sócio-técnicos e ambientes naturais em que se destacam: uma natureza inóspita que aprisiona e encanta o homem; as técnicas da ferrovia que a revolvem e trazem consigo o acesso a lugares mais «civilizados»; ambiências de perigo e medo, ou de devaneio e harmonia que continuam a atrair o interesse humano, para o Vale e a Linha do Tua, personagens colectivas de primeiro plano, contraditórias, admiráveis e incompreendidas, congregando boas e más memórias.

Espaços-tempos são recortados quer por mudanças climáticas e paisagísticas, percebidas no solo, no céu, no rio, nas planuras e montes, seguindo o curso cíclico da natureza e o ritmo mecânico do comboio; quer nos impactos locais de acontecimentos históricos regionais, nacionais e internacionais; quer ainda através do processo de mudanças que marcaram a história de indivíduos e populações agregados por um sentimento comum de pertença à terra, pela identidade da paisagem e um património cultural colectivo.

Como síntese reflexiva, destacam-se duas considerações poéticas sobre a microterritorialidade em análise: «*Se fores ao Tua, esquece-te dos pronomes possessivos*»<sup>63</sup>; «*O progresso muita pedra deixa ainda no seu caminho!*»<sup>64</sup> Nelas se condensa uma carga simbólica e densidade histórica em que se fundamenta o argumento central deste artigo consubstanciado nas inter-relações literatura-história-tecnologia-ambiente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não há senão híbridos de natureza e de cultura que se escalonam entre os dois extremos*<sup>65</sup>.

As anteriores abordagens permitem entender impactos sociais e culturais locais da Linha férrea do Tua nos últimos 120 anos, que ganham em ser compreendidas à luz da importante conclusão da filosofia das ciências e das técnicas, citada em epígrafe.

---

<sup>62</sup> WORSTER, 1991: 198-215. *Apud* NETO, 2011: 155-178.

<sup>63</sup> CABRAL, 1999.

<sup>64</sup> TORGA, 1953.

<sup>65</sup> RHEINBERGER, 2013.

As vozes polifónicas que narram a epopeia técnico-científica da Linha Férrea do Tua, factor de transformação histórica de pequenas comunidades rurais, remetem ao ângulo de visão mais amplo da recente história ambiental em expansão.

As *representações e lógicas sociais* são portas de entrada no entendimento das sociedades e potencial de construção do seu conhecimento histórico, levando-nos a reflectir que são afinal os autores, leitores e investigadores que constroem significados e sentidos para a sociedade, natureza e técnica.

A análise sócio-histórica dos repertórios de ficções literárias e *mundos sociais* cruzada com a perspectiva dinâmica da história ambiental permitiu encontrar elos de intersecção que possibilitam conhecer e experienciar, de modo interactivo, a história social e natural da escala territorial do Vale do Tua.

Resta salientar, numa perspectiva analítica global, qual o contributo original deste artigo para o considerável campo de estudos que aborda a interdisciplinar relação entre a literatura e a historiografia<sup>66</sup>, por um lado, e o meio ambiente e novas problemáticas da história ambiental<sup>67</sup>, por outro.

No horizonte da nova história ambiental, a literatura e a história social correlacionam o real na construção dos seus discursos, assim se revelando a complementaridade entre ambas as áreas, simultaneamente sistemas simbólicos de representação da realidade, ou seja: «produtos de um tempo e de um lugar específicos, correspondendo a determinada atuação do homem em interação com o seu universo»<sup>68</sup>.

As múltiplas interacções do ser humano com a «natureza», mediadas pelas relações histórico-sociais impregnam as ficções literárias do *corpus* em análise no cruzamento de diversos olhares de uma leitura hipertextual de ampla abertura e dinâmica. São-lhe transversais diferentes acepções de verdade: na literatura (identificada com o fabuloso, mas eminentemente social); na ficção (que põe o critério da verdade em suspensão); e na história (narrativa da veracidade). Através da análise socio-histórica ensaiada, tais acepções questionam aspectos da dimensão científica interdisciplinar e requerem uma configuração de complementaridade e compromisso entre os vários domínios de estudo.

Porém, esta última perspectiva de análise exige todo um outro desenvolvimento de argumentos aqui só aflorados que excede a economia deste artigo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCH, Marc (1997) – *Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien*. Paris: Masson, Armand Colin.
- BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent (1991) – *De la justification: Les économies de la grandeur*. Paris: Gallimard.
- BURKE, Peter (2009) – *Afterword*. In SORLIN, S.; WARDE, P., orgs. – *Natures's end: history and the environment*. Houndmills: Palgrave Macmillan.
- CABRAL, António (1999) – *Antologia dos Poemas Durienses*. Chaves: Editora Tartaruga.
- CASTRO, G. (2007) – *Notas sobre história ambiental y desarrollo sostenible*. «Peripecias», n.º 71.

<sup>66</sup> Ver, designadamente, FONSECA, 2004: 265-278.

<sup>67</sup> PÁDUA, 2010. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103>>. [Consulta realizada em 20/07/2015].

<sup>68</sup> GOBBI, 2004.

- CHAGAS, Manuel Pinheiro (2011) – *Novos Ensaio Críticos*. Nabu Press.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix – *O que é a filosofia?* Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- DOMINGUES, Álvaro (2014) – *Fotografalar do Tua*. Prefácio a «TUA» *Colectânea Literária: Vale, Rio, Linha e Comboio*. 2.ª ed. FozTua; EDP; MIT Portugal, p. 5-10.
- DRUMMOND, José Augusto (1991) – *A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa*. «Estudos Históricos», vol. 4, n.º 8.
- DURKHEIM, É. (1970) – *La science sociale et l' action*. Paris: PUF.
- FONSECA, Luís Adão da (2004) – *As relações entre História e Literatura no contexto da actual crise da dimensão social da narrativa historiográfica*. «Actas do Colóquio Internacional Literatura e História», vol. 1. Porto, p. 265-278.
- GOBBI, M. V. Z. (2011) – *A ficcionalização da História: mito e paródia na narrativa portuguesa contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp.
- \_\_\_\_ (2004) – *Relações entre ficção e História: uma breve revisão teórica*. «Itinerários – Revista de Literatura», n.º 22. Araraquara, p. 37-57.
- LAGE, Maria Otilia Pereira; LAGE, Jorge M.B. (2005) – *Saber Sever: Geios de Escrita e História*. «Estudos & Documentos. Douro», 19, p. 237-262.
- LAGE, Maria Otilia Pereira; BEIRA, Eduardo (2013) – «Tua» *Colectânea Literária: Vale Rio e Linha*. Foz Tua: Projecto FOZTUA. EDP, MIT Portugal.
- LATOUR, Bruno (2004) – *Politics of Nature: How to Bring the Sciences Into Democracy*. Harvard University Press.
- LE ROY LADURIE, E. (1974) – *Présentation*. «Annales - Économies, Sociétés, Civilisations», v. 29, n.º 3.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. G. (1987) – *The Tree of Knowledge*. Boston: Shambhala.
- MARTINS, Marcos Lobato (2007) – *História e Meio Ambiente*. São Paulo: Annablume, Faculdades Pedro Leopoldo.
- MONTEIRO, Manuel (1909) – *A Riba-Tua*. «Ilustração Transmontana». Porto, p. 29-32.
- NETO, Geraldo Magella de Menezes (2011) – *História ambiental e literatura: o Seringal nas obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral*. «Tempos Históricos». Vol. 15 – 2.º Semestre, p. 155-178.
- PÁDUA, José Augusto (2010) – *As bases teóricas da História ambiental*. «Estudos avançados». Vol. 24, n.º 68. São Paulo. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid)> [Consulta realizada em 9/2015].
- POMIAN, Krzysztof – *Sur l'histoire*. Paris: Gallimard, 1999.
- PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle (1985) – *Order out of chaos: man's new dialogue with Nature*. London: Flamingo.
- RHEINBERGER, H.-J. (2013) – *Itérations*. Paris: Diaphanes.
- SILVA, Sandro Dutra e et al. (2013) – *A fronteira e os domínios do Cerrado: literatura e história ambiental no conto Nhola dos Anjos e a Cheia de Corumbá de Bernardo Élis*. In XXVII Simpósio Nacional de História/ ANPUH. *Conhecimento histórico e diálogo social*. Natal-RN, 22-26 de Julho de 2013. Disponível em <<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais>> [Consulta realizada em 2/2/2015].
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e (1974) – *O texto literário e os seus códigos*. «Revista Colóquio/Letras». Ensaio, n.º 21, Set., p. 23-33.
- SILVEIRA, Pedro Telles (2009) – *Ficção, literatura e história através da Crônica do descobrimento do Brasil (1840), de Francisco Adolfo de Varnhagen*. «História da Historiografia», n.º 3, p. 23-33.
- TORGA, Miguel (1953) – *Diário VI*, 1953. 1.ª ed. Coimbra: Coimbra Editora.
- \_\_\_\_ (1973) – *Diário IV*. 3.ª edição. Coimbra: edição do autor.
- \_\_\_\_ (1983) – *Diário VII*. 3.ª edição revista. Coimbra: edição do autor.
- \_\_\_\_ (1986) – *Diário XII*. 3.ª edição revista. Coimbra: edição do autor.
- THÉVENOT, L. (1983) – *L'économie du codage social*. «Critiques de l'économie politique», n.º 23-24, p. 188-222.
- TODOROV, Tzvetan (2008) – *Teoria da literatura II*. Lisboa: Edições 70.
- WORSTER, Donald (1991) – *Para fazer história ambiental*. «Estudos Históricos». Rio de Janeiro. Vol. 4, n.º 8, p. 198-215.